

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL**

**JULIANA ELENA MEYER**

**FATOS FOTOS E VERSOS DE UMA INFÂNCIA  
-A Infância Kaingang na aldeia da Feitoria em São Leopoldo:  
narrativas, imagens e poéticas-**

**São Leopoldo**

**2014**

JULIANA ELENA MEYER

**FATOS, FOTOS E VERSOS DE UMA INFÂNCIA**

-A Infância Kaingang na aldeia da Feitoria em São Leopoldo:  
narrativas, imagens e poéticas-

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de Especialista em  
Educação Infantil, pelo Curso de  
Especialização em Educação Infantil da  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -  
UNISINOS

Orientador: Prof.Dr. Euclides Redin

São Leopoldo

2014

JULIANA ELENA MEYER

**FATOS, FOTOS E VERSOS DE UMA INFÂNCIA**

-A Infância Kaingang na aldeia da Feitoria em São Leopoldo:  
narrativas, imagens e poéticas-

Monografia apresentada ao Curso de  
Especialização em Educação Infantil pela  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
como requisito parcial para a obtenção do  
título de Especialista em Educação Infantil.

Aprovado em \_\_\_\_\_

*In Memmorian de:*

Maria Noemy Meyer, minha mãe, a pessoa que me deu a vida e me ensinou os verdadeiros valores, bem como me ensinou sobre a importância da educação, sem ela eu não seria o que sou hoje. Obrigada Mãe por todo carinho e cuidado pelo tempo em que estiveste comigo, minha eterna gratidão com muito carinho Te amo para sempre!

E Galdino Jesus dos Santos, líder indígena da etnia pataxó.

## **AGRADECIMENTOS:**

À Deus, que me deu forças para não desistir e coragem para continuar.

Às crianças e aos moradores da aldeia Kaingang da Feitoria, pessoas com quem aprendi muito sobre a vida e os costumes indígenas, sem elas não seria possível realizar este trabalho.

Às crianças das escolas com quem trabalho e com as quais convivo diariamente, elas são minha motivação para aprender sempre mais sobre a infância e suas especificidades.

Ao Professor Euclides Redin, meu querido professor orientador, que muito me auxiliou em minha pesquisa com idéias, sugestões de livros, leituras e principalmente com sua sabedoria e amizade. Sua trajetória na educação e na política brasileira são uma inspiração para mim. Me sinto muito honrada e feliz por ter compartilhado momentos de estudo e aprendizagem com alguém assim tão sensível e especial.

Ao professor Luciano Bedin, com suas poesias, cartografias e poéticas, que será o avaliador da minha pesquisa, minha eterna gratidão por aceitar o meu convite. É bom saber que existem pessoas que compartilham a mesma visão de mundo que nós. Desde a primeira aula e suas primeiras palavras tive certeza de quem escolheria e gostaria que lesse minha pesquisa.

A Professora Marita Redin pelo apoio, carinho e disponibilidade em todos os momentos durante todo o processo desta especialização. Pelas suas dicas de brinquedos e brincadeiras e todas suas “artices” e “arteirices.”

Ao Professor Paulo Fochi pelas tantas inquietações provocadas a partir das suas aulas na Unisinos, e por todas as reflexões feitas. Também por suas danças e convicções em defender suas idéias. \* Por mostrar o filme: “Apenas o começo” onde

crianças francesas participavam de oficinas de filosofia. Hoje estou fazendo aulas de francês, um grande e antigo sonho que este filme me impulsionou a realizar.

A Professora Bianca Stock, pela sua doçura e simplicidade em falar sobre psicologia e infância. Foi através dela que optei por pesquisar a infância Kaingang, depois da apresentação do seu trabalho feito com as etnias indígenas de Porto Alegre, em uma de nossas maravilhosas aulas.

A professora Rosane Romanini, minha colega da rede municipal de Novo Hamburgo e colega de OMEP, com quem venho ao longo dos anos, aprendendo muito sobre infâncias e a importância do brincar.

Aos Pastores Milton e Marcos Rosa, dois presentes que Deus colocou em minha vida e que me motivaram e motivam a estudar cada vez mais e superar todos os desafios.

Ao meu pai Natalício Meyer, pelo apoio, auxílio e carinho, com ele e minha mãe, que já está no céu, aprendi os verdadeiros valores da vida.

À minha Família por sempre acreditarem no meu potencial e me incentivarem a ir além.

Aos amigos que sempre estiveram do meu lado nos momentos bons e ruins, agüentando o melhor e o pior de mim.

Aos colegas de trabalho que convivem comigo no dia-a-dia, cada qual, contribuindo de alguma forma para a construção desta monografia, em especial à minha colega Gilmara Goulart, pelo apoio durante todo o curso de especialização.

*“Uma cidade é construída com casas, prédios, praças e pessoas. Isso todas as cidades têm. Além disso uma cidade possui outras coisas que a gente não vê, que é o seu jeito de ser, que é sua “alma”. Ela pode ser bonita, colorida, cheia de árvores, muito floridas... muitas pessoas se encontrando, se ajudando, se abraçando... muitas crianças passeando de mãos dadas com suas mães, brincando com outras crianças, tomando sorvetes (de cinco bolas)... Há casas, que dentro moram outras crianças, que tem janelas abertas e nas janelas existem flores e , a noite estão iluminadas. As cidades têm ruas e calçadas: estas são bem largas, limpas e sem buracos. As ruas são para pessoas passarem e onde às vezes , passam também carros e caminhões. Mas se as ruas são para as pessoas, se forem para carros, somente, elas não terão “alma”.*

*Uma cidade só terá “alma” se garantir uma vida plena e digna para todos. E a vida exige também beleza, gratuidade, cultura, solidariedade e bem querer.*

*O que compõe uma cidade em contraposição ao rural, é a proximidade: estar junto é melhor. Ou não. Depende para que “as gentes” querem estar juntas. O que aproxima as pessoas, os objetos, as construções são as relações que existem entre todos, caso contrário, no outro lado da rua pode começar o oceano infinito, a escuridão, e a insegurança.*

*Todas as cidades são iguais? Não, a minha cidade guarda minhas mais belas lembranças e meus sonhos mais lindos. Nenhuma outra é assim... ela esconde um tesouro que é preciso descobrir todos os dias. Esse tesouro só será encontrado se todos o procurarem juntos.”*

*-Euclides Redin-*

## RESUMO

A presente pesquisa, feita na Aldeia Kaingang na cidade de São Leopoldo, no bairro da Feitoria objetivou conhecer como está sendo vivenciada a Infância na aldeia, e como está sendo vivida a cultura indígena em um local tão perto da zona urbana. Através e a partir de fotos, registros, conversas e narrativas tecem-se considerações de como as crianças da tribo Kaingang estão vivendo suas infâncias, fazendo relações entre a cultura local e a cultura global.

Palavras-chave: **Infância. Cultura. Sociedade. Educação. Kaingang.**

## *Nân ga*

*Ver ty kômhagág ag nytug Jag mi  
ty ver nân ti, fog ag hâ ne kî kâge ky  
eg nân ty tu ke mu.*

*Myg mág mré eg jakréj fâ ty tu ke xã ny  
Krekufár ty kâgter nyti goj ty kaya sã ky  
Kanhgág ag vy nân ga ver tagki ny ti  
Ni nân kâ mi nén u ag ty ver eg  
Krâ ta kî kânhrânran ken uy.*

## *Dono da mata*

*Aonde existe índio ainda tem as matas,  
Os brancos é que chegaram já destruindo a abelha  
E as matas já estão terminando.  
Os peixes já estão morrendo no rio poluído  
Somos índios e somos donos dessa mata  
Nós queremos coisas naturais  
para nossos filhos aprender.*

# SUMÁRIO

1 PRIMEIRAS IMPRESSÕES.....	11
1.1 Apresentação.....	14
1.2 Para começo de conversa .....	16
1.3 Um pouco da História do povo Kaingang... ..	20
1.4 Algumas conversas.....	24
1.5 Minhas próprias conversas.....	29
1.6 Outras conversas... ..	31
2. 1 Cultura local e cultura global: Brinquedos e Infâncias.....	36
2.2 E então vamos brincar? De que?.....	40
2.3 Fatos e fotos de uma Infância.... ..	43
2.4 Aprender e brincar na Escola.....	51
2.5 OS MESMOS SONHOS.....	54

*ENTRE ENCONTROS SORRISOS E ENCANTOS...*



## 1 PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Nos deram espelhos e vimos o mundo doente... (Renato Russo)

Uma cidade é composta de muitas faces, muitas formas, muitos sonhos, muitas lutas. Uma cidade é composta pela diversidade, por um conjunto de pessoas, de casas, de vidas. Uma boa cidade deve incluir a todos com suas diferenças e não excluir e estigmatizar por preconceitos culturais.

O senso comum nos fala que a primeira impressão é a que fica, um ditado popular que talvez mereça crédito, mas que talvez mereça ser questionado. O primeiro olhar nem sempre é o mais adequado, pois para se conhecer de fato algo ou alguém é preciso conhecer mais profundamente e para isto é preciso tempo, é preciso viver e conviver junto, lado a lado, sem máscaras nem mistérios.

Para se conhecer é preciso olhar e deixar-se olhar, numa troca constante de saber quem somos e quem o outro é. Perceber que muitas vezes parecemos tão diferentes mas somos tão iguais.

Para se conhecer é necessário abrir-se. Abrir olhos, almas e coração para escutar novas falas, novas vozes. É preciso aprender a ver de formas novas e inéditas para não ficarmos presos a velhos discursos que nos impedem de sermos mais humanos, de sermos mais felizes, discursos que fazem com que nossa esperança escorra pelos dedos.

Temos que aprender novas e outras formas de olhar. Como diria Foucault (1998, p.13) “... *Existem momentos na vida onde a questão de saber se, se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê é indispensável para continuar a olhar ou a refletir.*”

Referindo-se especificamente às identidades indígenas primeiramente temos que ter bem claro que desde criança formamos um imaginário acerca dos índios. Já crescemos ouvindo na família e na escola histórias, lendas, e mitos sobre estes povos, e muito do que aprendemos são apenas suposições, estereótipos, conceitos e preconceitos.

Cada um de nós, provavelmente deve ter em mente algumas idéias estereotipadas e já pré determinadas de como deve ser um índio: usam um cocar,

moram em ocas, tem arco e flecha, são selvagens, não usam roupas, etc. Idéias estas as quais algumas eu também tinha.

Muitos destes pensamentos foram construídos através da ordem social vigente e também do que aprendemos na Escola sobre a identidade indígena.

Narrativas que fomos ouvindo ao longo da vida, que se tornaram representações em nosso imaginário sobre o que é ou não é ser índio. Estas são representações que a sociedade constrói a respeito das identidades culturais mapeando quem é e quem não é, quem faz parte ou não de determinados grupos sociais.

Euclides Redin (1998, p. 13) afirma que:

“A representação é um fenômeno psicossocial fundamental condicionado às circunstâncias globais onde ela se dá. Ela inclui uma rede de relações que o indivíduo e os grupos estabelecem entre significados e situações que lhes interessam para sua sobrevivência ou sua hegemonia e/ou reprodução da situação. A representação surge do real, porém inclui a postura, os interesses, a situação social e/ou de classes, a perspectiva histórica de quem a constrói e então o real é reconstruído, retocado, modificado-a representação faz com que o mundo seja o que se pensa que ele seja ou deva ser. Ao representar alguma coisa se modifica o real, mas com perspectivas sociais, convencionais, simbólicas carregadas de dimensões históricas e políticas. Na representação há cargas objetivas e ilusórias, reais e simbólicas, nem sempre fáceis de distinguir.[...] “A força das representações está em tentar produzir uma universalidade imaginária e a limitação das representações consiste no fato de elas apenas estarem generalizando para toda a sociedade os interesses e o ponto de vista particulares de uma classe: aquela que domina as relações sociais.”

Ou então como argumenta, complementa e questiona, Foucault (1979 p. 179/180) sobre as representações, os discursos que produzem as identidades e como se dá todo este processo:

“Em uma sociedade como a nossa, que tipo de poder é capaz de produzir discursos de verdade dotados de efeitos tão poderosos? Quero dizer em uma sociedade como a nossa, mas no fundo em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer, nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso. [...] Afinal somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a certas formas de viver e morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder.”

No Brasil existem muitas tribos indígenas diferentes, pois nosso país é muito grande, e cada uma delas tem seus próprios costumes e crenças. Com minhas pesquisas na internet descobri alguns dados muito interessantes.

Atualmente calcula-se que apenas 400 mil índios ocupam o território brasileiro, principalmente em reservas indígenas demarcadas e protegidas pelo governo são cerca de 200 etnias indígenas e 170 línguas. Porém muitas delas não vivem mais como antes da chegada dos portugueses.

Meu encontro com os índios da aldeia Kaingang na verdade começou na cidade de Novo Hamburgo(RS) pois quase diariamente via famílias vendendo artesanatos nas calçadas no centro da cidade, principalmente perto do shopping, lugar de grande circulação de carros e pessoas.

A quantidade de crianças presente me chamava a atenção, elas quando não auxiliavam nas vendas estavam brincando por perto. Havia crianças de todas as idades, inclusive bebês que ainda nem caminhavam.

Por outro lado algo que também chamou minha atenção foi que praticamente ninguém conversava com os índios, para muitas pessoas parecia que ele eram invisíveis. Sei que muitas identidades culturais passam pelo processo de invisibilidade, mas nunca tinha me dado conta disto tão claramente.

Hoje sei que de tanto ver as crianças indígenas pelas ruas da cidade elas me cativaram a querer conhecer um pouco de suas histórias, e como vivem suas infâncias.

Seguidamente via as crianças Kaingang no ônibus e no metro e um dia perguntei a uma criança como se faz para ir na aldeia e ela me contou, mas ela não sabia um segredo: desde criança eu tinha o sonho de conhecer uma aldeia indígena. E desde aquele dia sempre quis visitá-los.

Demorou um tempo de lá até aqui mas eis que o dia chegou e se tornou esta monografia da especialização do curso de educação infantil.

Em nosso curso aprendemos e refletimos sobre as infâncias, seus tempos e espaços. Também tecemos considerações sobre como em nossas escolas poderíamos tornar o ambiente institucionalizado melhor para nossas crianças.

Em decorrência disto ocorreu a idéia de pesquisar como a infância indígena vive, será que é semelhante a infância da cidade? Ou não? Como é a cultura infantil na tribo Kaingang, como entendem a questão do brincar e da escola? Como as crianças se organizam para brincar, onde, com o que e com quem brincam, e em que tempos e em que espaços?

Muitas curiosidades e questionamentos povoavam meus pensamentos e quis descobrir. Quis descobrir novas possibilidades, novos jeitos de ser criança e novos

jeitos de ser professora. Trocando idéias, trocando sorrisos e misturando sonhos, é assim que começa esta história.

## **1.1 Apresentação**

A presente pesquisa tem por objetivo perceber como a Infância Kaingang está sendo vivenciada na aldeia da Feitoria em São Leopoldo(RS) e investigar de que forma as crianças convivem e brincam, bem como que relações estabelecem com os demais membros da comunidade em que vivem e como a Infância é vista e narrada pela tribo.

A pesquisa também tem por objetivo refletir sobre as múltiplas infâncias, sobre as culturas infantis e a preservação da identidade cultural, no caso desta pesquisa a identidade indígena.

A metodologia da pesquisa aconteceu através de visitas a aldeia, registros de fotos, observação das atividades da tribo e conversas com moradores, famílias e lideranças locais, como o cacique e os professores da Escola.

Somado a tudo isto a metodologia se define também a partir de leituras de livros, documentos e artigos relacionados aos temas indígenas, Infâncias e culturas.

Talvez o foco central da pesquisa esteja voltado para verificar como as crianças se relacionam entre si, quais brinquedos tem, do que gostam de brincar e quais brincadeiras costumam praticar, mas não se resume a isto, pois é através disto que vamos observar os entornos que configuram o cenário em que as crianças Kaingang estão inseridas atualmente.

Devido a tudo isto, a pesquisa não se trata então, somente de retratar modos e jeitos de brincar indígenas, mas sim, e principalmente trata-se de retratar um contexto social e cultural na qual esta Infância esta mergulhada e inserida.

Escolhi este tema por fazer parte dos Estudos Culturais, cuja área do conhecimento me mobiliza e motiva a romper com discursos e paradigmas pré-estabelecidos, para ao invés disto, abrir caminhos para novas possibilidades de escutas, falas e olhares.

Ao mesmo tempo em que optei por pesquisar povos indígenas para conseguir entender como em um mundo global onde se massificam mentes e corpos ainda existem culturas e grupos que resistem, apesar de tudo.

Compreendendo tudo isto, entendo que o ato de resistir torna-se necessário para manter a identidade cultural, evitar a extinção de sua cultura e preservar seus rituais, hábitos e costumes de geração em geração.

Em relação a globalização desenfreada, que atinge a todos que estão ao seu alcance é fundamental refletir sobre a produção dos discursos sociais que narram modos e jeito únicos de ser em meio à uma multiplicidade de histórias e culturas diferentes.

Forjar uma identidade ideal e única, através de variados mecanismos e dispositivos é negar a possibilidade da diversidade e é o total apagamento das diferenças. Como faz referência Costa:

“A proliferação do que tem sido chamado de movimentos sociais neste fim de século, é uma forma de contestação a esta cultura monolítica e auto-referenciada que inventou a globalização como mais uma estratégia avassaladora cujo tema central poderia se resumir na seguinte frase: “Seja idêntico a nós ou você não existe.” Para ter direito a existir, sem ser idêntico é preciso encontrar as brechas praticando a política cultural da representação. É preciso encher o mundo de histórias que falem sobre as diferenças, que descrevam infinitas posições-espacos-temporais de ser no mundo.” (COSTA, 2001, p.65)

Falar das diferenças é falar de novas possibilidades, é propor alternativas de ser e de estar no mundo.

Neste novo século que se inicia talvez seja tempo de olhar as mesmas coisas com novos olhos. Um tempo de jogar fora preconceitos que nos distanciam uns dos outros. Um tempo de recomeçar e de contar novas histórias.

Neste mundo corrompido pelo capital e pelo lucro, onde como afirma Zygmunt Bauman (2011) tudo se tornou líquido e descartável. Onde basicamente vivemos para o consumo e até as pessoas se transformaram em mercadorias é hora de repensar novas formas de ser e conviver para o bem de toda a humanidade.

Em muitos casos é urgente resgatar nossa humanidade, voltar a perceber e o que de fato nos faz humanos. Talvez em algum ponto do caminho neste mundo tão global e muitas vezes excludente, nós nos perdemos, deixamos de nos preocupar com os outros e até com nós mesmos.

Talvez estejamos nos tornando tão egoístas e individualistas que estamos esquecendo de olhar e ver quem está ao nosso lado, para que com eles possamos compartilhar novas e outras histórias possíveis.

Nesta pesquisa é um pouco destas histórias que vou contar. A partir de fotos, textos e poesias o presente trabalho é um relato de experiência, um relato de vivência e convivência. Um relato de amizade Um encontro entre culturas. E não posso deixar de dizer: Um encontro feliz.

Através de palavras e frases, juntando letras, sorrisos, sonhos e esperanças minha intenção é expressar a poética de um lugar, principalmente a partir do seu brincar.

## **1.2 Para começo de conversa**

Para se iniciar uma conversa precisamos de simpatia e amizade, existem pessoas com quem gostamos de conversar, com outras nem tanto, mas como é bom uma boa conversa e ter com quem falar. Cativar é requisito básico para uma boa conversa e uma boa amizade.

Fatos contados, prosas e versos narrados e assim vamos entrelaçando experiências, tecendo sonhos e compondo nossas histórias. E foi assim que cheguei em território indígena, com vontade de cativar e fazer novos amigos. A partir de agora compartilho o que vi, vivi e aprendi durante o período em que estive junto com os índios Kaingang.

Quando cheguei pela primeira vez na Aldeia Kaingang em São Leopoldo, em um sábado de sol, mas de muito frio, carregava comigo muitas expectativas e idéias acerca da cultura indígena. Assim comecei minhas observações e belas conversas.

Conversando com o Cacique, com um dos professores da Escola, com as crianças e moradoras da aldeia pude perceber que todos tem seus jeitos próprios de viver e se relacionar e eles querem muito preservar sua cultura.

Mas como meu objetivo principal era pesquisar a Infância, em minha primeira visita, observei mais as brincadeiras e relações que se estabeleciam entre as crianças. Pude perceber uma Infância livre na medida do possível, todas as crianças brincavam no pátio da aldeia, ora juntas, ora separadas, ora em pequenos grupos, cada qual inventando suas brincadeiras.

A Mãe de uma das crianças disse que elas ganham de várias pessoas muitas doações de brinquedos e que as crianças gostam de brincar com tudo. E realmente os brinquedos eram guardados em caixas de papelão e lá tinham muitos brinquedos industrializados e da mídia, como Batman, Homem Aranha, Bob Esponja, etc.

Outra observação importante foi sobre os animais circulando pelo espaço, existem galinhas, gatos e cachorros por todo o lado. A convivência com a natureza é muito interessante. Inclusive existem alguns cachorros com sarna que são largados ali em frente a aldeia e os índios cuidam deles.

Outra questão que chamou minha atenção foi a pouca interferência dos adultos nas brincadeiras e cuidados com as crianças. Elas passam horas brincando e às vezes até brigam, mas resolvem seus conflitos sozinhas. Este fato é bem diferente da nossa cultura que cerca a Infância de cuidados e atenção muitas vezes exagerada.

Na aldeia da Feitoria moram atualmente 43 famílias, os moradores vieram de várias localidades do interior do estado como Nonoai, Rio da Vargem, São Valentim, Rodeio Bonito, Tenente Portela e Iraí. Eles deixaram suas aldeias nativas localizadas mais longe das zonas urbanas onde sua cultura consegue ser mais preservada para se aventurarem na cidade grande com toda sua complexidade.

Antes de ganharem estas terras cedidas na gestão do prefeito Ary Vanazzi (PT) os Kaingang não tinham território fixo, viviam as margens da BR 116 perto do centro da cidade vivendo em situação de extrema carência. Hoje mostram-se felizes com o lugar em que vivem e querem lutar para conquistar mais direitos para sua etnia.

A Aldeia é composta pelas casas de cada família, a escola, um centro de eventos, um grande campo de futebol e duas igrejas evangélicas pentecostais. O fato das igrejas me chamou muita atenção, pois sempre pensei que os indígenas eram contrários às religiões cristãs devido as suas crenças originais e milenares.

Pois é mais um preconceito quebrado em minha pesquisa, pude perceber que os moradores da aldeia gostam de freqüentar as igrejas cristãs da aldeia, e convivem bem com sua cultura religiosa indígena e a cultura cristã, provando que diferentes culturas podem conviver muito bem e em harmonia.

Em relação às crianças são 32 com idade de zero a seis anos. Em idade escolar do primeiro ao terceiro ano são 11 crianças. Estes dados foram passados pelas lideranças locais.

Abaixo algumas fotos da aldeia para demonstrar um pouco da realidade em que vivem atualmente:

A Escola da aldeia:



Fonte: Juliana Elena Meyer

Uma das Igrejas cristãs:



Fonte: Juliana Elena Meyer

O campo de futebol: local em que as crianças e jovens brincam muito:



Fonte: Juliana Elena Meyer

O centro de eventos: local para os cursos e eventos indígenas:



Fonte: Juliana Elena Meyer

### 1.3 Um pouco da História do povo Kaingang...

Conhecer um pouco dos hábitos, crenças e costumes de uma cultura é indispensável para que possamos compreender modos de ser e viver que muitas vezes são diferentes dos nossos. Aprender sobre outras culturas é uma forma de enxergar a vida de outro modo. É conhecer o desconhecido e abrir-se ao inesperado.

Conviver continuamente com povos ameríndios nos leva a desafiar nossa capacidade de transformar a maneira como olhamos a vida, embarcando em uma complexa viagem de múltiplas paisagens. Eles trilham caminhos radicalmente diferentes das forças de subjetivação que a sociedade ocidental capitalista forja. Na afirmação da sua singularidade e protagonismo sem precisar estar de dedo em riste acabam denunciando e o empobrecimento da vida alimentado por estas forças, ainda mais evidente nos centros urbanos. O cotidiano estressante, regulado pelo relógio, onde vigora a desigualdade social e tudo é passível a compra e venda, onde quem fala mais alto é o capital, com suas tendências homogeneizantes. realidade amplamente debatida, conhecida e sentida por todos. (STOCK, 2013, p.244)

Os Kaingang formam um povo numeroso e vivem num grande território. Existem cerca de 30 Terras indígenas demarcadas e diversos acampamentos nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo.

Para os Kaingang a terra é muito importante. Eles mantêm uma forte ligação com ela e por isto a chamam de Mãe Terra.

A forma de viver e a sua cultura estão relacionadas com a terra. Ela garante o sustento e a vida do povo. Nela convivem com o mato, a água, os animais, as plantas e tudo o que existe. O umbigo das crianças recém nascidas é enterrado na terra para indicar o lugar de sua origem.

A tradição diz que os primeiros Kaingang surgiram do solo, por isto têm a cor da terra. Surgiram dois irmãos: Kanhru e Kamé. Cada um trouxe o seu grupo. Os dois irmãos Kanhru e Kamé e a sua gente criaram as plantas e os animais que povoaram a terra. Tudo neste mundo pertence as duas metades e é conhecido pelos traços físicos, pelo temperamento e pela pintura. Esses sinais também são vistos nos animais e nas plantas.

A convivência com a natureza faz parte da vida do Povo kaingang. A relação entre o indígena e a natureza é muito forte, o amor e o respeito fazem com que ela

se torne um alimento saudável, oferecendo remédios para muitas doenças, tanto físicas como da alma.

Esta cultura local indígena em muitos momentos pode entrar em choque com a cultura global ao qual a tribo da aldeia esta exposta por estar tão próximo da zona urbana da São Leopoldo. Muitos teóricos já falam em extinção de alguns povos indígenas, pois está cada vez mais difícil manter as tradições, vivendo as margens da cidade.

Atualmente vivemos uma crise de identidade, numa sociedade pós moderna onde os lugares não são mais fixos e pré determinados, tudo agora se tornou mais móvel, mais difuso, e por que não dizer mais confuso, como diz Baumann, tudo está se tornando mais liquido, é difícil manter algo sólido e duradouro nos dias de hoje.

Apesar de tudo isto, percebemos que muitos povos indígenas querem preservar suas crenças, valores, rituais e costumes. Muitas índios de diferentes tribos se refugiam em lugares bem longe da cidade, em uma forma de proteger sua cultura, hoje em dia tão ameaçada, pela globalização e pelos meios de comunicação de massa.

Uma citação importante nos remete a refletir acerca disto:

A invisibilidade pela qual passaram e passam, ainda muitas populações indígenas frente a conquista de seus direitos e frente aos próprio apagamento perante a sociedade não indígena. por sua característica de procurarem viver longe do branco, de procurarem passar despercebidos para evitar o relacionamento com culturas que negam a sua. ( HOFFMANN, 2007, p. 138)

Algumas identidades passam por processos de invisibilidade, de negação. Historicamente foram criadas e recriadas hierarquias culturais, foram construídos conceitos a respeito das diversas etnias. Principalmente na Era Moderna se mapeou bem os lugares de cada um, designando modos de ser, viver e conviver e quais os lugares que cada um deveria ou não ocupar. Como diz Costa:

É típica da antropofagia cultural ocidental eurocêntrica, que se declara instituidora de padrões em todas as dimensões da vida humana, governar sobre sonhos e desejos e ainda invocar pra si credenciais de magnanimidade. (COSTA, 2001, p.65)

Como também complementa Guacira Lopes Louro:

A demarcação de fronteiras tem importantes efeitos simbólicos, sociais e materiais. É preciso demarcar o lugar do outro simbolicamente indicando o que significa estar lá, social e materialmente, excluindo e separando o sujeito que ocupa. A linha divisória também diz dos limites da identidade hegemônica. Há que notar que se a identidade normal é a grande referência ela também se produz tomando o outro como limite e fronteira. (LOURO, 2000, p.69)

Devido a diversos fatores, muitos índios vêm se deslocando do seu ambiente original, vão se deslocando para sobreviver, procurando novos territórios. Eles estão migrando para centros urbanos para trabalhar e viver, no caso dos Kaingang de São Leopoldo, estão trabalhando em sua maioria vendendo seus artesanatos, nas cidades do vale dos sinos e assim conseguem seu sustento.

Alguns moradores já estão optando por trabalhar em fábricas, como de calçados ou em frigoríficos nas regiões próximas a aldeia, pois alguns querem fazer crediários em lojas e para isto é preciso ter emprego fixo e o artesanato é considerado trabalho autônomo.

Na tradição Kaingang ao fazer o artesanato, toda a família participa. As crianças aprendem com os pais e avós, observando, ouvindo e, por fim, confeccionando junto.

Em geral, os materiais usados são taquaras, sementes e cipós colhidos no mato. Algumas vezes é difícil encontrar este material na cidade. Por isso outros materiais, como miçangas e tintas, são usados na confecção do artesanato.

Segundo os dados do COMIN<sup>1</sup>, hoje existem mais de 350 mil indígenas vivendo nas cidades. Entre outros povos, são Kaingang, Terena, Baikari e Sateré-Mawé dando nova vida ao dia-a-dia de várias cidades do nosso país.

Também segundo o COMIN, alguns dos motivos que levam os indígenas a morar na cidade são: O estudo em escolas e universidades; dificuldades para manter seu espaço no meio rural; a busca de recursos para cuidar da saúde; maior

---

<sup>1</sup> Conselho de Missão entre povos indígenas. Criado em 1982 com a finalidade de assessorar e coordenar o trabalho da IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil) com os povos indígenas de todo o Brasil. O COMIN se faz presente junto a alguns povos e comunidades indígenas, criando parceria e dando apoio nas áreas da educação, saúde e terra.

possibilidade de vender o artesanato e o crescimento das próprias cidades que, assim, estão chegando perto das terras indígenas

Na cidade, como em qualquer outro lugar, existem dificuldades e desafios a serem enfrentados, como a discriminação ao seu modo de viver e a forma como cuidam da saúde e ensinam as crianças.

Um depoimento de uma mulher indígena que veio morar na cidade retrata bem sentimentos e percepções acerca da diversidade cultural. Ela diz:

“Na cidade, senti um choque. Me senti diferente, olhada... Depois, o tempo foi passando e eu fui ficando mais a vontade e comecei a achar que essa curiosidade podia ser também interessante para conhecer e que, conhecendo a gente, os colegas podiam respeitar mais os povos indígenas.” (Fernanda da Silva Souza, Dourados/MS in COMIN)

Muitas vezes os sentimentos e pensamentos são controversos, mas através de depoimentos e observações fica bem claro que os povos indígenas querem respeito e valorização de suas tradições. Eles não querem ser vistos como bárbaros, selvagens e não civilizados, como muitos ainda pensam.

Os povos indígenas se organizam, vivendo de acordo com a sua cultura e os ensinamentos dos antepassados, porém a vontade de conquistar um espaço que é de todos está sempre presente. Eles querem ter acesso ao patrimônio cultural que deve ser de todos, sem discriminações por raça, etnia ou credo.

Entre duas culturas distintas convivendo tão perto, os indígenas tentam manter suas tradições passadas de geração em geração, mas nem sempre isto é fácil.

A Infância talvez seja o elo mais frágil e mais afetado por este “entre culturas”, pois as crianças aprendem dois tipos diferentes de visão de mundo e de modos de vida. Na aldeia brinquedos industrializados e midiáticos misturam-se com brinquedos e brincadeiras culturais indígenas.

Na aldeia vivem seus costumes, mas ao saírem para a rua entram em contato com a cultura branca que é bem diferente da sua.

#### 1.4 Algumas conversas....

Algumas conversas mexem com a gente, nos tocam, nos sensibilizam, nos fazem refletir, nos tornam pessoas melhores. Algumas conversas modificam nossa vida, e o nosso modo de ser e estar no mundo. Algumas conversas nos cativam e fazem nossos olhos brilharem.

Todo o processo vivido e vivenciado por mim na aldeia me ensinou muito a respeito da cultura Kaingang, sobre seus modos de ser e suas formas de viver. Conversei com muitos moradores da aldeia, de todas as idades, crianças jovens, adultos e idosos. Aprendi muito com todas as pessoas, mas quero destacar algumas conversas que foram muito tocantes e emocionantes.

# **Professor Josme:** É o professor que trabalha com as crianças do primeiro ao quinto ano. É ele quem alfabetiza no modo bilíngüe (Kaingang e português). Conheci o professor Josme num domingo frio durante a tarde. Ele se mostrou muito receptivo e simpático, gostando da idéia do meu trabalho de pesquisa com as crianças. Falou que a escola estaria aberta para minhas observações e ficou muito contente.

Durante as visitas na escola, Josme e eu nos tornamos amigos. Ele me contou sobre sua história de vida, sua família, sobre a importância da valorização da sua cultura, sobre seu trabalho, sua formação no magistério e sobre a cidade de onde veio, a cidade de Nonoai.

Foram muitas histórias contadas, também relatou algumas dúvidas em relação às outras culturas, inclusive outras culturas indígenas que descobriu serem diferentes da sua e achou isto muito interessante.

Sempre com uma grande simplicidade e muita simpatia, com muita paciência e muitos sorrisos foi que ele me acolheu durante a pesquisa, juntamente com todas as crianças.

Todas crianças também sempre foram muito receptivas, carinhosas e alegres comigo. Era sempre uma alegria estar no meio deste povo, pois em sua grande maioria todos são muito acolhedores.

Uma das falas que destaquei foi relacionada a tradição do artesanato indígena, Josme entende que esta é uma das formas mais importantes de manter viva a tradição da tribo.

Ele considera muito bom sair para vender junto com a família nos finais de semana, entende que este é um momento de partilha entre as culturas, onde a cultura branca conhece a cultura indígena através da sua Arte.

Ao comprarem um artesanato e levarem para suas casas, os brancos estão levando um pouco da cultura Kaingang com eles. Ressaltou também que através da venda dos artesanatos conseguem renda somente para o sustento das necessidades básicas das famílias, como alimentação e higiene.

Quando perguntei sobre quais brinquedos costumam comprar para as crianças, ele explicou que geralmente não sobra dinheiro para comprarem brinquedos para os/as filhos/as. Por isto ficam felizes com doações de brinquedos e outros materiais.

Josme me contou a diferença entre o artesanato Kaingang e o artesanato Guarani. Basicamente os guaranis fazem instrumentos musicais e bichinhos de madeira, e os Kaingang fazem cestos e objetos decorativos. É tão interessante descobrir diferenças entre as culturas indígenas que me sinto encantada de me fazer sabedora destes detalhes e porque não dizer segredos. Pois afinal os segredos, nós só contamos aos grandes amigos/as.

Ele também entende que levar as crianças junto para vender é algo primordial, pois a família gosta de estar junta. As crianças ficam junto da família e assim também passeiam, os indígenas tem uma concepção de infância diferente da cultura branca.

Eles compreendem que os pais deveriam levar seus filhos/as junto para seu trabalho, e não deixá-los com outras pessoas, como geralmente acontece em nossa sociedade contemporânea. Deixar seus filhos/as o tempo todo do dia em uma escola de educação infantil, com professoras e pessoas que não fazem parte da família para eles é uma idéia estranha ou até não aceitável ou não recomendada.

O professor Josme relatou gostar do seu trabalho com seus alunos/as. Da última vez que estive na escola ele se mostrou muito alegre com a geladeira nova que ganharam para guardar os alimentos para a hora do lanche, pois sua preocupação era que o verão estava chegando e os alimentos da merenda escolar poderiam estragar. A geladeira estava dentro da sala de aula, pois a escola tem somente uma sala.

Com muito trabalho a ser feito pela escola, ele se mostra muito feliz e realizado com sua profissão. As crianças também gostam muito dele, fazem

bagunça às vezes, mas o respeitam. Uma curiosidade é que ao invés de o chamarem de professor o chamam de tio.

# **Cacique José Vergueiro:** Conheci o cacique da aldeia numa quarta-feira a tarde, ele se mostrou muito orgulhoso de ser responsável pela aldeia. Prontamente quis conhecer o que eu estava fazendo lá, na sua tribo, pois tudo o que acontece tem que ser do seu conhecimento.

É o cacique que autoriza ou não pesquisas e outros trabalhos dentro da aldeia. Sem sua autorização nada pode acontecer. Por isto ele quis conhecer mais profundamente tudo sobre esta pesquisa a respeito de como a infância Kaingang está sendo vivida nos dias atuais.

Perguntou de qual universidade eu era, quando falei que era da Unisinos ele ficou feliz e lembrou de outros alunos que fizeram pesquisas lá. Contou também que o pessoal da Feevale (Universidade de Novo Hamburgo) também vem fazer trabalho voluntário com as crianças uma vez por semana e todos gostam dessa integração.

Tivemos uma longa conversa, e ele se mostrou disposto a me ajudar em tudo que fosse preciso, conversamos sobre política, família e sociedade. Inclusive foi ele que fez os cestinhos de artesanato para colocar as minhas monografias.

José entende que o cacique da tribo tem que lutar pelos direitos indígenas, pois durante a história do Brasil, muitos dos seus direitos foram roubados ou negados. Devido a isto gosta de estar bem informado sobre o que acontece na sociedade, para garantir que os indígenas possam ter acesso a todos os direitos de todos os demais cidadãos brasileiros (sem distinções e discriminações).

Na aldeia sempre existem algumas reivindicações. E como diz José: “O cacique não pode ser alguém muito parado, tem que ser alguém que vai atrás de novas conquistas e melhorias para sua comunidade.

Atualmente ele está pensando em lutar pela construção de uma Escola de Educação para as crianças pequenas. O projeto de construção da nova Escola para o ensino fundamental também já foi aprovado pela secretaria do Estado e a princípio logo será construída, pois a atual Escola está com a estrutura precária e não tem instalação elétrica para o uso dos computadores.

Enquanto nós conversávamos, ele fazia o artesanato com muita agilidade enquanto contava de um jeito muito amistoso, um pouco dos sonhos e das histórias dos moradores da aldeia, aprendi muito com suas palavras. Foi através dele que conheci o professor Dorvalino, cuja história foi me contada por José.

**# Professor pedagogo Dorvalino Refej:** Conhecei o Dorvalino numa tarde chuvosa, ele ficou muito feliz em me receber para conversar em sua casa. A princípio ele estava um pouco tímido, mas logo estávamos rindo juntos. Nós conversamos sobre variados assuntos, principalmente sobre as culturas indígenas, a sociedade capitalista e o mundo globalizado.

Ele tem muito conhecimento e muita humildade, para mim foi um grande prazer e uma grande honra este encontro “entre culturas”.

Neste primeiro semestre Dorvalino concluiu seu trabalho de conclusão do curso da graduação em Pedagogia pela UFRGS. (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Foi uma grande conquista para ele e para a aldeia toda. Todos estão muito orgulhosos.

Ele relatou com muito entusiasmo esta vitória, porém disse que em muitos momentos não foi fácil, mas que ele conseguiu com muito esforço se formar. Inclusive, para minha surpresa, me presenteou com uma cópia do seu trabalho cujo título é: “Aprendendo com todas as formas de vida do planeta”.

Falou com muita propriedade sobre as diferenças entre a sociedade do branco e a sociedade indígena, sobre como os valores são diferentes e sobre as formas de discriminação e preconceito que muitas vezes existe em relação a sua cultura.

Aprendi muito sobre a sua etnia, tradições e costumes com nossa conversa. Refletimos muito sobre a questão da infância, e ele fez uma observação importante: “que as crianças da cidade hoje vivem nas sombras.”

Ele disse, com muita propriedade e ênfase, que aqui na aldeia “as crianças são livres e não engaioladas como na cidade”. Comentou com certa tristeza que algumas vezes o conselho tutelar vai até a aldeia querendo impor que os índios cuidem das crianças da mesma forma que o branco. E continua dizendo: “nós pensamos diferente, nós criamos nossas crianças de um jeito diferente, de um jeito livre”.

Apesar desse jeito livre de criar as crianças, ele enfatiza que a educação quem dá é a família e não a escola, como percebe que acontece na sociedade branca.

Durante o curso de Pedagogia, descobriu através de relatos e histórias sobre estas outras infâncias vividas nas grandes cidades e concluiu com suas próprias

palavras: “Na sociedade branca a família quer que a escola eduque, mas índio pensa que é a família que deve educar e que escola é o lugar de aprender. A educação quem deve dar é a família.”

Outra grande preocupação de Dorvalino é a extinção das culturas indígenas, por isto ele luta para preservar o ensino na modalidade bilíngüe nas escolas, pois constatou através de pesquisas que em muitas aldeias estão ensinando só o português. Ele se mostra muito preocupado com a preservação da cultura Kaingang, sua língua, costumes e tradições.

Segue na íntegra a parte da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Brasileira que garante este direito a todas etnias indígenas em sua rica diversidade:

A LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) garante este direito aos povos indígenas. Enfatizando o respeito a sua diversidade cultural, assegurando a aprendizagem da sua língua materna, bem como a valorização de sua história. Segue a Lei Nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996 transcrita abaixo:

### Seção III - Do ensino Fundamental

#### Art. 32

§ 3º - O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

### Título VIII - Das Disposições Gerais

Art. 78 - O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisas, para oferta de Educação escolar bilíngüe e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos:

I - proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;

II - garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias.

Art. 79 - A União apoiará técnica e financeiramente os sistemas de ensino no provimento da educação intercultural às comunidades indígenas desenvolvendo programas integrados de ensino e pesquisa.

§ 1º- Os programas serão planejados com audiência das comunidades indígenas.

§ 2º- Os programas a que se refere este artigo, incluídos nos Planos Nacionais de Educação, terão os seguintes objetivos:

- fortalecer as práticas sócio-culturais e a língua materna de cada comunidade indígena; manter programas de formação de pessoal especializado, destinado à educação escolar nas comunidades indígenas;
- desenvolver currículos e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades;
- elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado.

### **1.5 Minhas próprias conversas...**

Refletindo acerca de todas estas conversas, e outras ouvidas durante toda a minha vida, entendo que durante toda a história do Brasil algumas etnias foram marginalizadas, deixadas a margem da sociedade, e consideradas menores.

Historicamente algumas identidades foram marcadas com estigmas e conceitos errôneos e discriminatórios, criando-se com isto, um imaginário social e coletivo de exclusão e preconceitos que até hoje são difíceis de modificar.

Para que isto não ocorra novamente faz-se necessário a construção de leis para assegurar o cumprimento dos direitos de cada cidadão em sua diversidade, principalmente dos povos indígenas que já sofreram e ainda sofrem muito com o processo de colonização.

Quando os portugueses chegaram no Brasil, no ano de 1.500 houveram muitos conflitos com os indígenas. Dorvalino, com suas próprias palavras, cita em seu trabalho de conclusão de curso de Pedagogia que:

“Na época da colonização do Brasil os jesuítas alfabetizavam os jovens e adultos indígenas, mas eles não aprendiam, pois não era falada sua língua. Era outra proposta pedagógica, por isto os jesuítas achavam que eles não pensavam, não se desenvolviam, não tinham espírito, eram selvagens. Por isto o papa mandou matá-los, para salvar seus espíritos.(CARDOSO, 2014 p. 16)

A sociedade atual ainda tem muitos resquícios destes tempos antigos que respingam nas identidades culturais que habitam nosso país. Sobre discriminação e preconceito a citação abaixo retrata muito bem como ocorre a reprodução de discursos por gerações e gerações e quais são seus efeitos:

A discriminação é sempre algum tipo de ação de um grupo dominante contra outros grupos considerados inferiores e não iguais a ele. A criança de um grupo dominante não nasce com uma tendência inata para agir ou se comportar de forma discriminatória. Esse tipo de comportamento é adquirido durante a sua socialização e se manifesta sobretudo na idade escolar, onde aprende algo que se chama o seu lugar social.” O preconceito, em última análise é o combustível da discriminação (CARONE, 2008, p 37)

O preconceito pode ser explícito ou velado, atualmente ainda existem muitas barreiras a serem vencidas para se conquistar a valorização e o respeito que todos merecem independente da sua raça, etnia, cor, credo, sexo ou condição social.

O preconceito é algo tão nocivo em sua essência que não há o que o justifique. Preconceitos geram atos de crueldade que se transformam em violência.

Não posso deixar de citar e dizer que durante toda a minha vida nunca esquecerei o fato que aconteceu com o índio Galdino, no ano de 1997, líder comunitário que foi covardemente assassinado no centro da cidade de Brasília.

Galdino<sup>2</sup> lutava pelos direitos de seu povo saiu de sua aldeia na Bahia, para ir a Brasília e estava dormindo em uma praça quando atearam fogo em seu corpo, jovens de classe média que deveriam estudar nas consideradas melhores escolas. E então eu pergunto que escolas são estas? Que não ensinam o respeito à diversidade, o amor ao semelhante, a bondade?

Nós professores devemos refletir constantemente sobre o que estamos “ensinando em nossas práticas cotidianas escolares”, pois como diria Paulo Freire: “Não existe conhecimento neutro, e todo ato é um ato político” e como diz Tomaz Tadeu da Silva: “currículo não é o conjunto de conteúdos pré determinados, currículo são documentos de identidade”.

---

<sup>2</sup> **Galdino Jesus dos Santos** (Bahia, 1952 – Brasília, 20 de abril de 1997) foi um líder indígena brasileiro da etnia pataxó-hã-hã-hãe que foi queimado vivo enquanto dormia em um abrigo de um ponto de ônibus em Brasília, após participar de manifestações do Dia do Índio, em um crime que chocou o Brasil. O crime foi praticado por cinco jovens de classe média-alta daquela cidade.

Antes de conteúdos a serem aprendidos, a escola é vida que vive, são mentes pensantes e corpos que falam de histórias, corpos que trazem marcas de sua cultura.

Entendo que é através e a partir da educação na família e na escola que podemos mudar conceitos discriminatórios e romper com paradigmas excludentes. Com detalhes e atos do cotidiano, palavras e ações, cada um de nós pode mudar discursos opressores. Como diria, Michel Foucault, a respeito das mudanças sociais: “Ao invés da grande revolução, pequenas revoluções diárias.”

Mas para isto é necessário pensar e agir com coragem na luta dos direitos de todos, para que possamos encontrar novas formas de amar e viver de um jeito livre de preconceitos e feliz, deixando o egoísmo de lado e construindo uma nova configuração mundial, uma nova ordem social, onde não é o dinheiro que impera, mas sim o amor. Eu sinceramente tenho esperança e acredito nisto.

## 1.6 Outras conversas...

Para realizar a presente pesquisa, fiz muitas leituras sobre as etnias indígenas. Algumas histórias verídicas que acontecem com muitos povos indígenas brasileiros são impactantes, porém estas notícias parecem não ser muito divulgadas pela mídia em geral.

Os indígenas que migram de suas aldeias originais para ir viver na cidade grande geralmente passam por momentos de muita dificuldade, passando a viver de forma precária e muitas vezes até em condições de miserabilidade.

Como mostra o artigo de Mariana Kawall Leal Ferreira que retrata de forma forte e chocante histórias da aldeia de Itaoca em Mongaguá, litoral de São Paulo, e como as crianças vivem suas infâncias.

Abaixo segue o trecho do depoimento do Pajé<sup>3</sup> Henrique Firmino (1999) extraído do artigo de Mariana, um texto muito triste, mas poético ao mesmo tempo, para demonstrar que mesmo na tristeza pode existir poesia dentro de uma alma sensível:

---

<sup>3</sup> O **pajé** é uma pessoa de destaque em certas tribos indígenas, são curandeiros, tidos como portadores de poderes ocultos ou orientadores espirituais.

“Você quer saber das brincadeiras da criançada e eu não quero contar, porque dá tristeza. Guarani é assim, come pouco para ficar levinho, o corpo leve para sonhar, ter sonho bom a noite. Então eu só tomo chimarrão... Mas criança tem fome, não agüenta, e a comida está fraca e a doença está pegando forte. Então eles brincam assim para ter uma alegria.”

Este cenário desolador, nos conta, sobre como algumas identidades passam por processos de invisibilidade em uma sociedade marcadamente egoísta e individualista. Numa sociedade onde tempo é dinheiro, então não há tempo para perder, para olhar para o lado, para ver o outro, para se importar com os outros e para ajudar a quem precisa.

Os povos indígenas vivem em comunidade, repartem o que tem e se preocupam com o próximo. Dentro das aldeias são, de fato, um grupo e se ajudam mutuamente. Faz parte de sua cultura viver em comunidade. Mas na sociedade branca não funciona deste modo. Existe um abismo cultural entre estas culturas.

Não fosse por tudo isto, dentro das cidades, os índios ainda têm que agüentar o preconceito da sociedade branca que em sua maioria os considera não civilizados, preguiçosos e/ou selvagens entre outros conceitos nada amistosos.

Julgam sua cultura milenar como inadequada e ultrapassada para os dias atuais, dias capitalistas, onde quem não tem dinheiro praticamente não existe e não tem acesso nem a comida nem dignidade. Os conceitos atuais de sucesso e status estão relacionados ao que se tem e não ao que se é. Ou vendo de outro modo poderíamos dizer: que quem não tem não é.

Muitas crianças indígenas estão vivendo, suas infâncias, em meio a lixões das grandes cidades, ou pedindo esmolas em sinaleiras e rodoviárias. Muitos fazendeiros querem as terras indígenas e as famílias sem ter seu território garantido, obrigam-se a migrar para as cidades grandes e à uma vida de incertezas.

A Infância indígena que está nas grandes cidades vive a mercê da cultura do modo de viver do branco, pois está absorvendo estes conceitos de vida através do que vê, ouve e vive.

Nas aldeias brasileiras mais isoladas fica mais fácil preservar culturas étnicas diferentes da lógica mundial atual, mas convivendo no ritmo da sociedade moderna parece não haver saída de conseguir escapar dos discursos que nos moldam, nos capturam e nos configuram a cada segundo.

Uma das várias fotos que chamaram minha atenção na pesquisa feita na internet é a foto abaixo que mostra crianças da etnia guarani do Estado de Mato Grosso do Sul, reivindicando direitos para sua tribo:



Fonte: Mariana Boujikian

Nestes 1.500 anos muitos índios foram maltratados, dizimados, catequizados, muitas vezes assassinados, mas não deixam de lutar pelo que acreditam, apesar de toda a oposição. Hoje muitos fazendeiros querem tomar suas terras e eles têm que viver de demarcações feitas pelos governos. Mas eles eram os donos desta terra.

Em meio a políticas e preconceitos as crianças parecem querer somente brincar, simbolizar através do lúdico, uma vida melhor. Alguns artigos contam histórias de crianças indígenas que encontram nos restos que encontram nos lixões ou pelas ruas das cidades, possibilidades de inventar modos de brincar.

Na afirmação que segue, o pai da psicanálise, Sigmund Freud, fala com muita propriedade sobre a importância das atividades lúdicas na infância e de sua vital necessidade:

Freud (1968) nos diz que a ocupação preferida e mais intensa das crianças é o brincar. Elas se entregam às suas brincadeiras, a seus jogos, às suas histórias com vigorosa seriedade. Com rara facilidade se põe a brincar e a jogar, a cantar e a ouvir uma história, constituindo um cenário imaginário em que cria e representa diferentes personagens, vive as mais fantásticas aventuras, inventa, constrói, destrói, conhece-se. Faz de seu corpo um

versátil brinquedo com o qual explora a realidade. No como se, disfarça-se, passa a ser, a menos naquele momento, quem não é.

Assim, através do simbólico existente nas brincadeiras as crianças conseguem esquecer por algum tempo as tristezas, a fome e as privações, para se aventurarem em um mundo mágico, encantado e de sonhos, sonhos bons.

O ato de brincar é uma necessidade para conseguirmos externar dores, alegrias, dúvidas e sentimentos, por isto torna-se fundamental para uma vida saudável, não só na infância, mas em todas as épocas da vida humana. Como diz Winnicott:

Winnicott 1975 afirma que a atividade lúdica está implicada com os primórdios da vida imaginativa e da experiência cultural que resultam na capacidade individual de viver criativamente. "É no brincar e talvez apenas no brincar que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação. (WINNICOTT, 1975 p. 79),

Sabendo que o brincar acompanha o ser humano desde toda a sua existência, temos neste processo criativo, expressivo e socializador, um elemento chave para nossa constituição como sujeitos.

Huizinga (1980) historiador, em uma leitura mais ampla, situa o lúdico como um elemento da cultura presente em todas as formas de organização social, das mais primitivas às mais sofisticadas.

Os modos de brincar, os brinquedos e brincadeiras mudaram muito através dos séculos, mas a capacidade e necessidade do ser humano de brincar parece continuar a mesma. Uma capacidade e necessidade vital que enriquece nossas relações sociais e garante nosso equilíbrio emocional.

*ENTRE BRINQUEDOS SONHOS E BRINCADEIRAS...*



## 2. 1 Cultura local e cultura global: Brinquedos e Infâncias

Um pouco da história: Ainda em 1747 Barbier escreve: Inventaram-se em Paris uns brinquedos chamados fantoches... Essas bobagens divertiram e dominaram Paris inteira de tal forma que não se pode ir a nenhuma casa, sem encontrar alguns pendurados nas lareiras. São dados de presentes a todas as mulheres e meninas e a loucura chegou a tal ponto que no início deste ano todas as lojas se encheram deles para vendê-los como presentes. (Áries, 1981, p91)

Em quase todo o território mundial, existe a cultura local de cada povo, região, país, etc; e toda sua rica diversidade e em contrapartida existe também uma cultura mundial que se pretende hegemônica e soberana sobre todas as outras culturas.

Modelos de comportamento, de status, de como ser, o que ter e como viver, padrões de beleza e outros tantos conceitos do que seria a vida ideal nos são definidos e introduzidos todos os dias através da cultura global: Internet, rádio, televisão, publicidade.

A partir da época da sociedade industrial, os brinquedos feitos artesanalmente foram substituídos pela cultura de massa, pela produção em série de brinquedos, que se tornam objeto de desejos de pais e crianças. Brinquedos estes que hoje são consumidos em larga escala em todas as partes do mundo devido a globalização.

Alguns autores afirmam que as crianças estão prejudicadas em sua capacidade imaginativa devido ao fato de todos os brinquedos já virem prontos das lojas. Antigamente e até algumas décadas atrás ainda podíamos ser mais criativos, pois nem todos tinham acesso aos “brinquedos da moda”, principalmente os menos favorecidos economicamente.

Fala-se muito também na invenção corporativa da Infância, onde as grandes empresas especializadas apostam em propaganda e publicidade pesadas para fazer as vendas crescerem entre o público infantil.

Assim inventam souvenirs, personagens, e uma infinidade de coisas sem sentido, se utilizando muitas vezes de apelos psicológicos para fazer surgir nos infantes desejos antes não existentes, tornando-os assim pequenos consumidores, pois esta é a lógica do mercado: vender, vender e vender, cada vez mais, mais e mais.

Em decorrência disto as crianças pedem os brinquedos que querem, os pais, por sua vez, para compensar a falta de tempo que ficam com seus filhos/as devido as suas muitas horas de trabalho, compram variados brinquedos para eles. Deste

modo como forma de compensar a falta física, compram objetos para simbolizar seu afeto.

Como a cada dia surge uma “nova moda”, para ser desejada e vendida para as crianças, logo velhos brinquedos se tornam obsoletos e sem graça tornando-se descartáveis. Então muitos destes brinquedos, que são diariamente descartados pela infância da classe média, vem parar da aldeia Kaingang da Feitoria através de doações.

Hoje o mercado de brinquedos oferece grande parte dos brinquedos importados de outras culturas e por meio do marketing, alcança crianças e instituições de todas as regiões do nosso país. Essa onda de consumismo “líquido” termo cunhado pelo sociólogo Bauman, tem efeito nocivo para as crianças que pedem e ganham brinquedos que são veiculados pela mídia; descartando-os rapidamente em prol dos mais novos lançamentos, constituindo um círculo vicioso de consumo. (FRIEDMANN, 2012, p. 159)

Mas não pensemos que isto é privilégio da Infância, nós adultos também somos alvos de necessidades criadas, de ataques subjetivos por parte da mídia em todos os níveis e espaços sociais.

Estes apelos são tão efetivos e acertivos, pois como em um passe de mágica, de uma hora pra outra, um belo dia parece que precisamos ter algo ou vamos morrer se não tivermos.

A publicidade nos convence de que ou temos isto ou aquilo ou não somos mais felizes. Os slogans como: “Compre batom...” ou compre qualquer coisa, ficam gravados em nossa mente consciente e inconsciente.

E assim pouco a pouco a felicidade se resume ao consumo, as pessoas se tornam mercadorias e a mola mestre do mundo configura-se pelo nome de lucro e o que move as pessoas é o acúmulo de dinheiro e capital. Parece impossível pensar com uma lógica diferente desta.

Muitas vezes e por que não dizer quase sempre até nossa auto-estima está relacionada ao consumo e é regulada por ele. Nunca antes foram feitas tantas cirurgias estéticas e vendidos tantos cosméticos como agora e este mercado parece crescer mais a cada ano.

Regras de moda e beleza são ditadas todos os dias e mudam constantemente fazendo-nos reféns destas tendências, tornando-nos de certa forma escravos de modelos ilusórios de felicidade.

Mas ainda assim algumas culturas resistem com heroísmo e através de lutas para valorização e preservação de ideais diferentes do da lógica mundial capitalista, como é o caso dos indígenas que tem uma relação muito diferente com a terra e a natureza.

A lógica das sociedades primitivas era bem diferente desta lógica atual que tem suas bases e fundamentos na revolução industrial e na sociedade burguesa. A maioria das tribos ainda carrega os valores e costumes das sociedades primitivas e não conseguem compreender o modo de viver do branco, um modo basicamente e marcadamente baseado na produção, acumulação e ostentação.

Em relação à isto, Redin refere-se dizendo:

“O trabalho nas sociedades primitivo-comunitárias só tinha sentido para garantir a sobrevivência da tribo, do grupo. E por serem sociedades primitivas ele necessitava ser comunitário... Por isto também ele só se realizava na medida da necessidade imediata, não havia a necessidade, nem a possibilidade de acumulação... A maior parte da vida era dedicada a atividades sem fim de produção: atividades lúdicas, religiosas, artísticas, culturais, etc.”(REDIN, 1998 p. 58)

Enfim a lógica mundial mudou muito ao longo dos séculos, mas algumas culturas ainda preservam hábitos antigos e primitivos de viver. Entretanto muitas destas culturas estão ameaçadas pelo poder avassalador da globalização e da sociedade tecnológica que cada vez avança mais e mais. E com o avanço deste grande poder muitas culturas correm o risco de extinção.

Com tantos ataques vindos de todos os lados, através de variados discursos, dispositivos e mecanismos, fica cada vez mais difícil resistir e ser diferente, ser diferente do que se espera que se seja.

Mas como o foco de minha pesquisa é a infância vou me limitar a falar sobre este tema de modo restrito às crianças.

Então vamos nos remeter às nossas infâncias e constatar que naquele tempo tínhamos tempo, tempo para criar com folhas, pedras, areia, água e barro coisas que não estavam prontas, coisas que íamos criando e transformando em outras coisas.

Naquele tempo tínhamos outros tempos e outros espaços. E hoje onde estão os tempos e os espaços das crianças? A Infância urbana se tornou institucionalizada e está vivendo dentro de quadrados de concreto, casas, apartamentos e escolas, com pouco tempo para brincar na rua, ao ar livre e com a natureza.

Hoje o concreto que tomou o lugar do verde em nossas cidades, tornando-as selvas de pedras, também “concretou” a vida de nossas infâncias. Com pouco tempo para a liberdade, as crianças se tornam reféns de espaços restritos e tempos pré determinados para viver e brincar.

As crianças estão vivendo suas infâncias pela lógica do adulto, cuja vida é regulada pelo relógio. Muitas delas já têm muitos horários, cursos e compromissos a cumprir. O escritor Neil Postman até tem um livro intitulado: “O desaparecimento da Infância”; que trata destes entre outros temas contemporâneos.

Lembro com nostalgia, que foi com riqueza de elementos da natureza, entre árvores, animais, frutas e carrocinhas; brincando com barro, água, areia, vagalumes e com muitos amigos é que vivi minha infância.

Quando éramos crianças ficávamos dentro de casa somente quando chovia e olhe lá, pois quase sempre tomávamos banho de chuva e brincávamos nas poças de água e isto sempre era muito divertido. O espaço ao ar livre, o pátio e a rua eram os territórios de brincar.

Nossos brinquedos e brincadeiras da infância são lembrados com muito carinho e uma dose de nostalgia por nós hoje adultos, ontem crianças que fomos. Lembranças específicas e únicas que cada um de nós carrega na memória e no coração.

Como fala tão lindamente Adriana Friedmann:

“Algumas imagens, alguns momentos, pessoas ou objetos da Infância perduram em nossa memória por toda a vida. Uns marcam mais que outros. Toda essa motivação faz parte de um contexto de vida individual mais amplo e muito particular o âmbito familiar, socioeconômico e cultural no qual crescemos, a educação que recebemos, o bairro onde moramos...”  
(FRIEDMANN, 2012 pag. 15)

Tínhamos uma relação bem mais próxima com a natureza nas décadas passadas do que hoje em dia na sociedade cada vez mais tecnológica e isolada. O advento da computação nos trouxe alguns benefícios mas por outro lado também nos trouxe maior isolamento.

Hoje existe menos contato humano-humano e mais contato humano-máquina. E esta tendência é aumentar devido as configurações mundiais atuais. Como fala Dorvalino: *“as crianças estão sendo criadas nas sombras.”*

Vivem quase sem contato com o sol, o vento, a chuva, o verde, as flores e os animais. Mas por outro lado tem muitos brinquedos e jogos de plástico, bem como vídeo-games, tablets, celulares e computadores. Alguns teóricos já definem nossas crianças como geração cyber, pois nascem e já são submersas neste mundo cada vez mais virtual e tecnológico.

Sabendo de todas as influências que temos em nossas vidas e de todos os contextos possíveis, de vivências familiares, econômicas, étnicas, religiosas, etc; é que venho pensando a infância, às múltiplas infâncias que hoje se configuram.

Estas infâncias com quem trabalho há quinze anos, em escolas de Educação Infantil das cidades de Novo Hamburgo e São Leopoldo, como professora sei do desafio que é construir espaços e tempo para uma infância melhor e mais livre, mais bem vivida e mais feliz em sua essência.

Com esta pesquisa venho falar de uma outra infância possível, com tempos e espaços diferentes do que estamos acostumados. Uma infância com novas perspectivas de ser criança.

É esta infância que aprendi aqui na aldeia Kaingang na cidade de São Leopoldo, conversando e brincando com crianças de várias idades percebi muita magia e encantamento e apesar da simplicidade muita criatividade e felicidade. E então vamos brincar?

## **2.2 E então vamos brincar? De que?**

A infância tem maneiras de ver, pensar e de sentir que lhes são próprias, nada é menos sensato do que querer substituir essas maneiras pelas nossas..." (ROUSSEAU, 1999 p 86)

Os brinquedos e as brincadeiras acompanham o ser humano desde os tempos antigos, parece que brincar é uma condição essencial para uma vida saudável e feliz. A Infância mesmo em culturas diferentes parece ter elos em comum, características que a definem.

O contexto social, os valores familiares, as condições sócio econômicas definem com o que brincaremos e o que teremos para brincar. Mas independente disto as crianças arrumam outros meios de exercitar sua ludicidade, inventando e criando a partir de suas necessidades, mesmo nas condições mais adversas. Como

nos fala Jacinto Sarmento sobre crianças refugiadas de guerra, que precisam brincar para diminuir seu sofrimento :

Uma imagem de guerra, extraída num campo de refugiados albaneses no Kosovo, mostra duas crianças brincando com uma boneca Barbie, perante o olhar entre o apreensivo, o desolado e o fatalisticamente resignado dos adultos que com elas partilham as tendas de campanha dispostas para os albergar. Não é apenas a boneca Barbie que aparece neste contexto de incerteza e de dor insolitamente exposta, na sua arrogância loira oxigenada perante o infortúnio colectivo. Símbolo maior da indústria cultural fornecedora do mercado infantil de jogos e brinquedos, a boneca Barbie é talvez menos inesperada no processo de globalização dos dispositivos de jogo e nos produtos de consumo lúdico das crianças do que o próprio acto de brincar das crianças, no momento em que tudo falta: a casa, a escola, um país para viver, talvez até uma família, a confiança num futuro vivível, a certeza – mesmo se precária - da sobrevivência. No entanto, o que relatos e estudos das crianças da guerra nos contam é essa forma de conseguir criar um mundo outro, nas condições da mais dura adversidade, através do jogo e da ficção de uma existência onde até o horror aparece transmutado em projecção imaginária de uma realidade alternativa. (SARMENTO, Jacinto)

Dito isto faz-se necessário mapear as culturas infantis, pois embora a Infância tenha características específicas em todas as culturas, a época histórica, e o lugar onde estão inseridas definem muito sobre sua condição de criança, e podem determinar de certa forma suas expectativas e seus sonhos. Refletir sobre o que é ser criança torna-se fundamental para garantir os direitos da Infância.

Sarmento complementa dizendo acerca da diversidade cultural, e das múltiplas vivências infantis ao redor do mundo:

Entre as crianças que brincam com uma Barbie, ou que chutam um crânio humano, ou que empunham uma Kalashnikov de plástico, ou que jogam ao berlinde, ou lançam o peão, ou brincam às casinhas, ou se divertem na consola ou no écran do computador há todo um mundo de diferenças: de condição de social, de contexto, de valores, de referências simbólicas, de expectativas e possibilidades. Mas há também um elemento comum: a experiência das situações mais extremas através do jogo e da construção imaginária de contextos de vida. O imaginário infantil constitui uma das mais estudadas características das formas específicas de relação das crianças com o mundo. (SARMENTO, Jacinto)

Apesar da imensa diversidade cultural, social e das múltiplas infâncias que estão sendo vividas em nosso mundo, o elemento comum infantil prevalece: o imaginário infantil. Entendo que tal capacidade é de fundamental importância para o desenvolvimento humano. Sem esta possibilidade de transformar realidades difíceis

em algo melhor, sem a capacidade de lidar e readaptar o que vivemos, nós estaríamos muito prejudicados.

Então simbolizar e brincar se tornam essenciais para nosso equilíbrio psíquico e social. A Infância tem seus jeitos próprios de ver o mundo...

A aldeia onde as crianças da aldeia vivem e brincam é um pequeno pedaço de terra, comparado com as terras que os índios possuíam antes da colonização. Fica localizada às margens do bairro Feitoria e as casas onde as crianças e as famílias moram são muito simples e sem nenhum luxo. Elas quase não saem da aldeia para brincar, apenas quando vão vender os artesanatos.

É neste cenário que as crianças vivem sua infância e inventam suas brincadeiras a partir dos recursos que possuem. Algumas árvores, pedaços de madeira e os elementos da natureza servem de material lúdico, mas também gostam de brincar com os brinquedos industrializados, geralmente feitos de plástico, bem como com outros artefatos que vêm na televisão.

Misturando tudo isto, criam e recriam com riqueza de criatividade um universo infantil de realização e alegria. Fica visível a felicidade que encontram ao brincarem, bem como a união de todas as crianças. Todas se conhecem pelo nome e possuem bastante intimidade. Demonstrando ser de fato um comunidade.

Os moradores desta comunidade Kaingang possuem o básico para viver. Todos vivem com muita simplicidade. A maioria das famílias tem televisão em casa, e as crianças gostam de assistir à programações variadas. Mas ainda, poucas famílias, têm computadores.

Os pais relataram que as crianças e os jovens se interessam em aprender sobre e com as novas tecnologias: computadores, vídeo-games, celulares, etc. Inclusive o professor Josme vai solicitar para a Secretaria de Educação uma televisão com DVD para a escola, pois nos dias de chuva as crianças não podem brincar no pátio e elas gostariam de assistir filmes em dvds.

Algumas famílias têm máquina de lavar roupas, algumas lavam as roupas nos tanques manuais. Algumas famílias têm fogão a lenha, outras fogão a gás. Algumas famílias, têm apenas colchões no chão para dormir ao invés de ter também a cama. As roupas que os adultos e as crianças têm quase sempre são doadas.

Enfim é neste contexto sócio-econômico que as crianças Kaingang estão vivenciando suas experiências, seus sonhos, seus desejos e suas expectativas de presente e futuro.

Nos dias de semana enchem o pátio da aldeia com suas brincadeiras, sorrisos e “arteirices”, nos finais de semana vão junto com seus pais venderem seus artesanatos nos centros das cidades do vale dos sinos.

Durante uma tarde de visita, um dos meninos em uma de nossas conversas pediu com muita alegria e expectativa se eu iria trazer brinquedos para eles. Não pediu para ele somente, mas para todos eles, de forma que até me assustei, pois são muitas crianças. E logo pensei, eu não vou ter dinheiro pra comprar tantos brinquedos, mas na empolgação falei: “*vou, vou trazer sim.*”

O menino falou exatamente assim, de um jeito bem inesperado, enquanto caminhávamos lado a lado: “*Tu vai trazer brinquedo pra nós?*” Este “nós” já é forte desde a infância indígena, o conceito de grupo, de comunidade, o conceito de nós, e não apenas do eu. Algo bonito de se ver e ouvir. Principalmente nos dias de hoje, onde existe um egoísmo sem tamanho, realmente isto é muito poético aos ouvidos. Lindo de se ver, ouvir e viver.

### **2.3 Fatos e fotos de uma Infância....**

“A criança é um artista e seu ateliê seu espaço de arte é o jogo, é a brincadeira... Os jogos as brincadeiras, os brinquedos enfim as atividades lúdicas acompanham o desenvolvimento da civilização humana desde os seus primórdios.” (SOMMERHALDER, 2011, p.1)

Agora chegou a vez de retratar através de fatos, fotos e conversas os brinquedos e brincadeiras da infância Kaingang. As fotos e relatos abaixo foram coletados ao longo das visitas. Neste subtítulo não há teorias, nem citações, apenas a poética de um lugar e de seu brincar.

Uma das primeiras imagens que vi relacionada ao brincar foi a de um menino bem pequeno, que mal conseguia caminhar numa motoca. Logo depois se juntaram a ele um grupo de meninos maiores que interagem com ele, inventando novas brincadeiras. Em outro dia de visita este mesmo menino estava brincando com um grande carrinho vermelho:



Em um outro espaço, um grupo de meninas brincava de escolinha. A menina mais velha era a professora e as demais as alunas. Com cadernos, bolsinhas, canetas e livros compuseram um cenário de sala de aula ao ar livre.



Em outra parte do pátio havia dois meninos brincando com carrinhos de plástico, colocavam as britas nos carrinhos e se locomoviam pra lá e pra cá. Logo juntou-se a eles uma menina bem pequena como mostra a sequência das fotos:



Em uma tarde de sol um grupo de jovens adolescentes estava muito concentrado em uma brincadeira folclórica: O jogo de bolitas.



A bola é um dos brinquedos mais utilizados por todos. A maioria das crianças e jovens gosta de jogar bola no grande campo de futebol ou em outros espaços da aldeia. As crianças falaram que gostam de jogar futebol e voleibol.



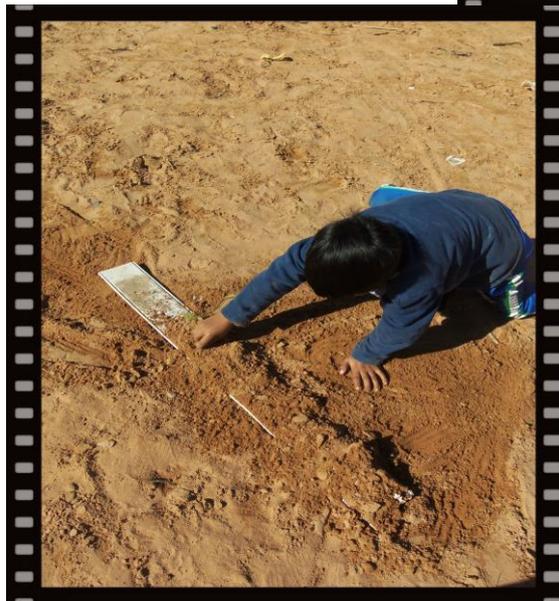
Brincando com barro: As brincadeiras em grupos são constantes.







*Ver ty*



*komhagág*

*ag nytug Jag mi*



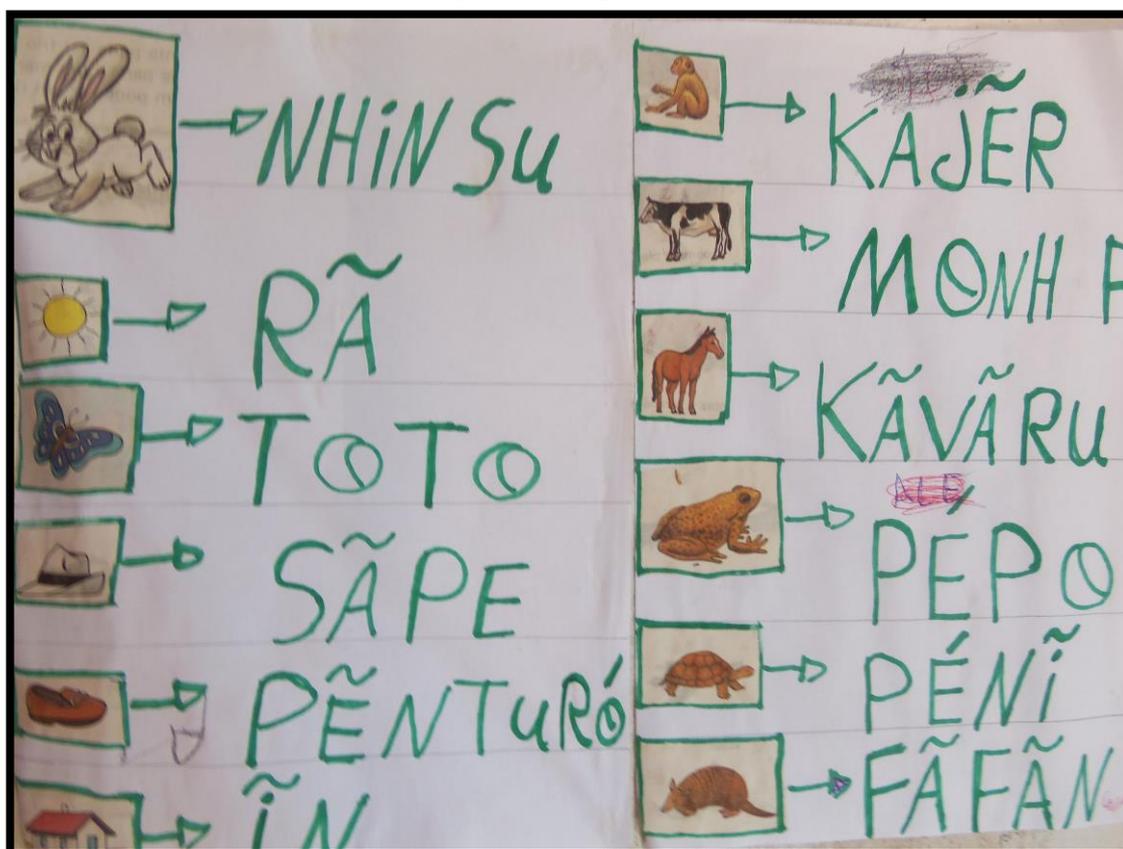


## 2.4 Aprender e brincar na Escola...

Na aldeia os moradores falam a língua Kaingang e também a língua portuguesa. Na Escola as crianças aprendem o modo bilíngüe assim como garante a lei nacional brasileira, nas leis e diretrizes da educação.

Em suas famílias, desde bebês aprendem através da tradição oral, sua língua materna Kaingang que é sua primeira língua, após vão aprendendo concomitantemente também a língua portuguesa.

Ao completar sete anos vão para a Escola da aldeia, aprender as palavras, para adquirir o conhecimento e domínio da língua escrita, Kaingang e portuguesa. Abaixo um dos cartazes de alfabetização na língua materna:



Os tempos e espaços da Escola indígena são diferentes dos que estamos habituados em nossas escolas tradicionais onde estudamos. As crianças não têm rigidez de horários, as aulas são flexíveis e todos interagem durante as aulas.

Os alunos se locomovem bastante pelo espaço da sala de aula, não precisam ficar só sentados nas cadeiras. A maioria também conversa muito entre si, trocam idéias, fazem brincadeiras e ajudam uns aos outros, poucos ficam isolados.

Esta é uma lógica um pouco diferente da qual estamos acostumados em nossas escolas regulares, onde deve prevalecer a ordem, o silêncio e a disciplina, porém na escola indígena são outros tempos e outros espaços.

“As categorias clássicas ‘tempo’ e ‘espaço’ tem constituído um recurso analítico significativo, consideradas como noções qualitativas e simbólicas por meio das quais as crianças localizam-se e posicionam-se no mundo social. A grande maioria dos estudos , porém tem se baseado em dados oriundos de sociedades ocidentais urbanas, partindo de pressupostos sobre a temporalidade e espaço social da infância bem diferentes dos que, em geral podemos observar nas sociedades indígenas brasileiras.” (NUNES, 2002, p. 26)

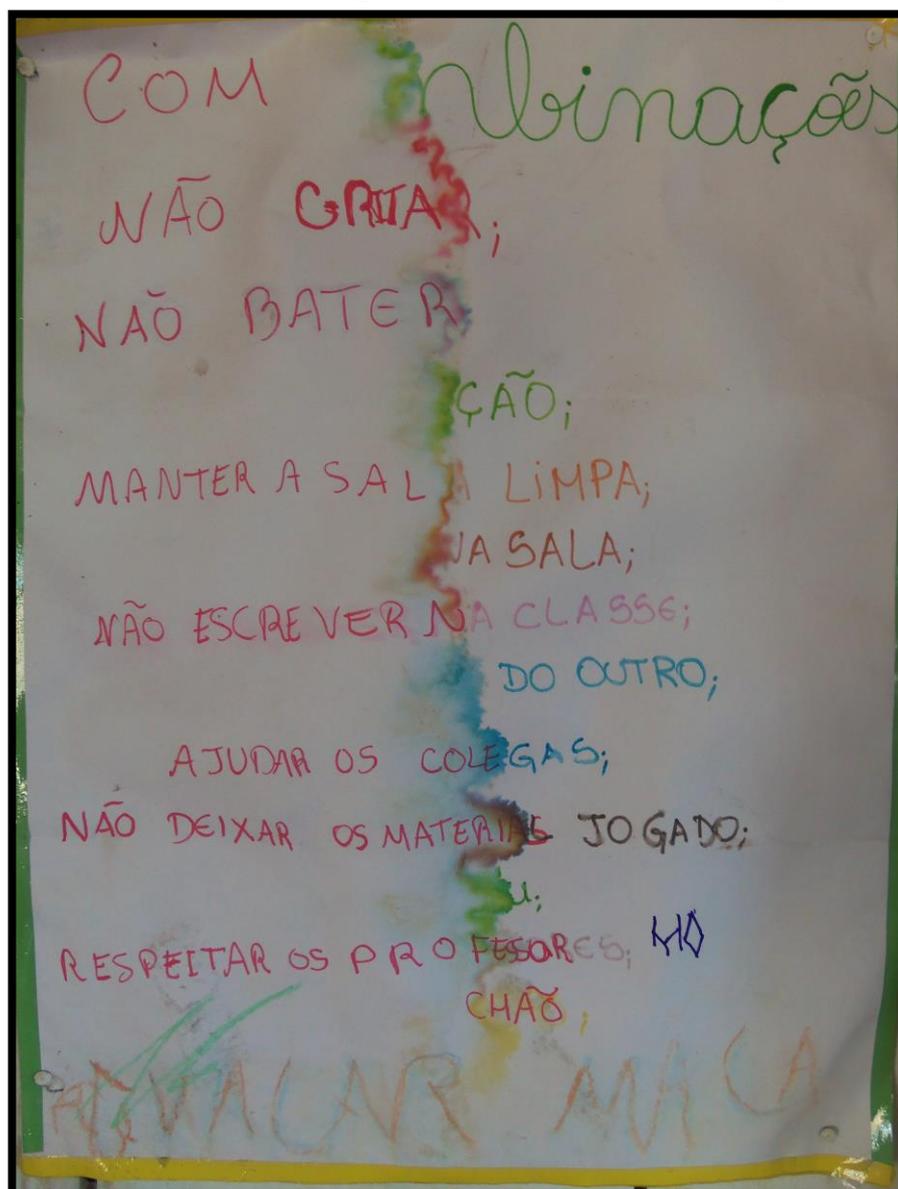
Durante as aulas algumas crianças desenham, outras copiam do quadro, outras criam brincadeiras como empilhar copos de plástico, outras vão desenhar no quadro negro livremente sem repreensões. Inclusive algumas crianças pegam seus cadernos e vão escrever na mesa do professor.



Geralmente fazem muitas perguntas ao professor, que chamam de “tio” demonstrando interesse em aprender, embora muitas vezes tenham dificuldade, pois o modo bilíngüe necessita da decodificação de dois códigos escritos e orais diferentes.

O professor Josme, como sempre parece muito calmo e solícito para atender e responder aos questionamento de todos. No período escolar tudo parece correr de forma bem leve e calma, não há tempo para o stress e o espaço é de todos.

Além dos próprios alunos transitarem de forma livre pelo espaço, a porta da sala fica aberta, por onde entram cachorros e crianças bem pequenas que passeiam por ali de forma bem tranqüila, parece fazer parte do cenário estas “interferências” nas aulas. Para eles é normal e agradável este jeito de estudar. Mas apesar disto também constroem as suas regras de convivência como segue o cartaz abaixo:



Na sala de aula da aldeia Kaingang tudo é muito simples e muito modesto, existem poucos recursos materiais e jogos lúdicos ou didáticos, mas existe muita alegria, amizade e união entre todos. E principalmente muitos sorrisos. Com isto a escola se constitui em um espaço muito alegre e prazeroso, onde aprender é bom.

## **2.5 OS MESMOS SONHOS...**

A capacidade de sonhar é como a capacidade de brincar, uma tão indispensável quanto a outra, para nosso bem-estar, felicidade e esperança na vida.

Todo ser humano precisa ter sonhos. Sonhos grandes, sonhos pequenos, sonhos loucos, sonhos bobos. Desde crianças são plantadas sementes de sonhos em nossos corações que poderão se desenvolver se forem regadas com amor e carinho.

Sonhar é acreditar ser possível e quando o que sonhamos se torna real, como é maravilhoso, não há nada igual.

Nossos sonhos dependem do contexto social em que vivemos e da cultura na qual estamos inseridos, mas não é isto que os limita, pois alguns sonhos podem parecer impossíveis, mas nem por isto deixamos de sonhar.

E não demorou muito tempo para descobrir neste encontro de culturas que temos os mesmos sonhos para nossas vidas: de ser feliz e ser amados pelo que somos e sem preconceitos de qualquer espécie por sermos diferentes, porque afinal diferente todos somos.

As crianças são criadas livres, sem muita intervenção dos adultos em suas brincadeiras, tem liberdade de explorar os espaços e transitar com tranqüilidade pela aldeia. As crianças mais velhas “cuidam” das mais novas.

Na aldeia os Kaingang tem seus jeitos próprios de viver e enxergar o mundo, mantendo seus rituais milenares e muito respeito a natureza.

Os pais transmitem para os filhos/as suas tradições, crenças, costumes, e seus modos de ser. Apesar de ter acesso ao mundo da cultura branca, querem preservar sua cultura de que têm muito orgulho.

Em relação aos seus direitos querem se sentir valorizados pela sociedade, bem como ter direito e acesso ao patrimônio cultural, aos avanços tecnológicos e sociais, não querem ficar a margem e deixados de lado. Querem sentir-se

valorizados pelas políticas públicas. Eles querem se sentir pertencentes e inseridos na sociedade contemporânea, mas respeitados em sua diversidade étnica e cultural.

Como me contou meu amigo e professor Dorvalino: “ o branco e o índio pensam de modos muito diferentes.” Realmente é do conhecimento de todos que a cultura branca e a cultura indígena divergem em muitos pontos: visão de mundo, concepção de trabalho, modos de viver.

Em relação á educação, os índigenas também não ensinam como os brancos ensina. O branco ensina com palavras, o índio com exemplos, as crianças vão aprendendo a fazer o artesanato ou as regras da aldeia através da observação de tudo o que acontece na sua família e ao seu redor.

Depois vão experimentando fazer e aprendem de um modo natural ao seu tempo e no seu ritmo, sem imposições pré estabelecidas. As crianças da aldeia não são criadas nas sombras, mas sim com liberdade.

A dimensão de liberdade e espontaneidade confere à criança a condição de autora em relação à constituição de seus jogos e brincadeiras. “O brincar da criança não é somente um ato espontâneo de um determinado momento. Cada criança frente ao jogo apresenta sua própria especificidade, pois brincar carrega as experiências, as vivências, enfim a história de cada criança. (SOMMERHALDER, 2011 p.63)

Na Escola Kaingang os tempos e espaços também são diferentes das escolas regulares da sociedade branca, não existe tanta rigidez, disciplina e controle. As crianças têm bem mais liberdade durante as aulas, transitam e passeiam pra lá e pra cá, conversam com os colegas e compartilham brincadeiras. É um espaço de alegria e um tempo de partilha.

Em minhas visitas aprendi muito sobre a cultura Kaingang, me senti muito honrada em conhecer sua cultura e de ser tão bem recebida e acolhida por todos, principalmente pelas crianças, com suas perguntas, olhares, toques, sorrisos e abraços.

Apesar dos poucos brinquedos existentes, as crianças mostram-se contentes com o que possuem. Demonstram ser muito criativas utilizando os cenários e os recursos de que dispõe para simbolizar universos lúdicos, bem como brincar em grupos, inventando toda sorte de brincadeiras que a imaginação permitir.

Brincam com tudo que encontram e transformam objetos em brinquedos e brinquedos em brincadeiras, sendo muito presente as vivencias de grupo.

Chamou minha atenção o interesse das crianças pelos livros de histórias infantis. Em suas brincadeiras livres como também na escola os livros são objetos de desejo da maior parte das crianças.

Enfim não há palavras para definir, descrever e expressar a boniteza do que vivi na aldeia durante este tempo. Juntos compartilhamos momentos, conversas, histórias, alegrias e sonhos. A alegria e a simplicidade dos moradores da aldeia são contagiantes.

Sorrir é muito fácil junto com o povo da aldeia Kaingang, a alegria parece fazer parte de sua vida. E entre sorrisos e sonhos percebi que é na simplicidade que se encontra a felicidade. E entre sorrisos e sonhos a infância vive a brincar...

A infância se configura em uma etapa da vida onde fazemos muitas descobertas. Tudo parece ser tão belo quando somos crianças. É uma fase de muitos sonhos, expectativas, questionamentos e imaginação. Os saberes e os sonhos que as crianças vivenciam através de suas experiências sócio-culturais compõem suas vidas e suas histórias.

Vidas e histórias carregadas de significado que se entrelaçam com outras vidas e outras histórias e outras culturas e outras pessoas e nós já não somos mais um só, mas somos agora muitos dentro de nós mesmos.

Entendo que o que nossas crianças querem, as crianças da nossa cidade, país e do mundo todo, independente de sua etnia, é a esperança de um mundo melhor, ou como diria Winnicott(1975): A esperança de “um mundo bom.”

Penso que seja isto que as crianças da nossa cidade, nosso país e do mundo todo, precisam, querem e esperam. Um mundo bom, de tempos e espaços para brincar. Tempos e espaços para a liberdade.

A Infância é a época de nossas vidas que mais temos liberdade, mas hoje em dia até a infância está perdendo seu tempo livre e entrando na ditadura da corrida contra o relógio.

Parece que não há mais tempo para se perder tempo, para se ter tempo, Nas grandes cidade principalmente o tempo parece passar cada vez mais rápido e escorrer pelas mãos. Na comunidade da aldeia da Feitoria os indígenas convivem com o tempo de outra forma, o tempo parece ser amigo e não inimigo.

A aldeia Kaingang faz parte do cenário da cidade de São Leopoldo, embora recebam poucas visitas, gostam de interagir e conhecer outras culturas. Fui muito

bem recebida e acolhida por todos/as e certamente voltarei lá muitas vezes, pois somos amigos.

Como tirei muitas fotos o cacique e os demais moradores pediram para mim fazer uma exposição no centro cultural da aldeia, pois as fotos retratam a Infância Kaingang, e eles não tem muitas fotos.

Em minha pesquisa aprendi muitas coisas sobre infância, sobre cultura, mas principalmente fiz amigos, e descobri que á na simplicidade que se encontra a felicidade.

Uma cidade é construída por todos, com suas diferentes faces, corpos, casas e sonhos, uma cidade se complementa na riqueza da diversidade, na boniteza da heterogeneidade e não em uma homogeneidade apática e escravizante.

Índios, negros, brancos e amarelos, crianças e adultos têm os mesmos sonhos: sonhos de ser FELIZ...

*Entre sorrisos*

*e sonhos*

*e os amigos*

*que se faz,*

*A Infância vive*

*a brincar...*



## BIBLIOGRAFIA:

ÁRIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. **A Ética é possível num mundo de consumidores?** Rio de Janeiro. Zahar. 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **44 Cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro. Zahar. 2011.

CARONE, Iray. **Preconceito e discriminação racial**. 1ª edição. Editora UFRGS-RS. 2008

CARDOSO, Dorvalino Refej. **Aprendendo com todas as formas de vida do planeta-educação oral e educação escolar Kanhgag**. UFRGS Porto Alegre. 2014

COSTA, Marisa Vorraber. **O currículo nos limiares do contemporâneo**. 3ª edição. Rio de Janeiro. DP&A. 2001.

FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Divina abundância: fome, miséria e a Terra-Sem-Mal das crianças Guarani**. In: Crianças indígenas-ensaios antropológicos. São Paulo. Editora Global. 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 18ª edição. Rio de Janeiro. Graal. 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. 11ª edição Petrópolis. Vozes 1994.

FRIEDMANN, Adriana. **O brincar na educação infantil**. 1ª edição. São Paulo. Moderna 2012.

HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo. Perspectiva. 1980

LOURO, Guacira Lopes. **Conhecer, pesquisar , escrever**. Comunicação apresentada na V Anped Sul. Curitiba, abril. 2004

MARKUS, Cledes. **Povos Indigenas em espaços urbanos**. Comin. Editora Oikos.

REDIN, Euclides (org.) **Infâncias cidades e escolas amigas das crianças**. Porto Alegre: Medição, 2007

REDIN, Euclides. **O tempo e o espaço da criança: se der tempo a gente brinca**. Porto Alegre. Mediação. 1998.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emílio ou da Educação**. São Paulo. Martins Fontes. 1999.

SARMENTO. Jacinto. Imaginário e culturas da infância. (Instituto de Estudos da Criança. Universidade do Minho)

SILVA, Aracy Lopes. **Crianças indígenas-ensaios antropológicos**. São Paulo. Editora Global. 2002

SOMMERHALDER, Aline. **Jogo e a Educação da Infância muito prazer em aprender**. Editora CRU- Curitiba. 2011

STOCK Bianca. **Os paradoxos do fator identitário de políticas de promoção da saúde indígena**. In: Psicologia e povos indígenas/ conselho regional de psicologia da 6 regioao/ são Paulo. 2010.

WINNICOTT. Donald w. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro. Imago. 1975

WINNICOTT. Donald W. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro Zahar. 1997